



Daniel Katz

Zilda Maria Beltrão Fraletti

zildafrasletti@revistalush.com.br

Zilda Fraletti graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 24 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Na Lush, ela divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

BIENAL DE VENEZA 53ª EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARTE

A 53ª Bienal de Veneza foi aberta em 7 de junho e vai até o dia 22 de novembro. A edição 2009 da mais antiga mostra de arte do mundo - a primeira edição foi em 1895 - tem o título "Fare Mondi / Making Worlds / Bantin Duniyan / Weltenmachen / Construire des Mondes // Fazer Mundos..." (no maior número possível de línguas), e é a maior já realizada até hoje. O oposto da última bienal de São Paulo, que ficou conhecida como "Bienal do Vazio".

Nas palavras do sueco Daniel Birnbaum, curador da mostra, "uma obra de arte é mais que um produto. Ela representa uma visão do mundo e, se considerada seriamente, pode representar uma maneira de criar um mundo. Algumas marcas em papel, uma tela quase intocada ou uma grande instalação, podem representar diferentes maneiras de "fazer um mundo", e a força desta representação praticamente independe da complexidade dos instrumentos utilizados na sua elaboração. É através da pluralidade de linguagens que o tema desta exposição internacional emerge".

As principais exposições acontecem em dois espaços: os Giardini(jardins) , onde se localizam os pavilhões dos países (77 este ano), e o Arsenale (antigo arsenal militar). As 45 mostras paralelas (maior quantidade já registrada em uma Bienal) estão instaladas por toda parte; nos canais, palácios, galerias, igrejas, praças....toda a cidade respira arte contemporânea da maior qualidade. É impossível ver todas as exposições em poucos

dias; com muito esforço pode-se ver os dois espaços principais em dois dias e é bom dedicar vários outros às mostras paralelas.Os pavilhões nacionais exibem artistas de peso, como **Bruce Nauman** (pelos EUA) e **Steve McQueen** (pelo Reino Unido). O Pavilhão espanhol traz **Miguel Barcelò**, com pinturas de grandes formatos que giram em torno de primatas, paisagens africanas e espuma das ondas do mar.



A Espanha é representada por uma exposição de **Miguel Barceló**, reunindo obras dos últimos 10 anos do artista. As telas de gorilas solitários, segundo Barceló, são auto-retratos que refletem a solidão do artista e aludem à figura do pintor como uma espécie em perigo de extinção em uma era dominada pela tecnologia.

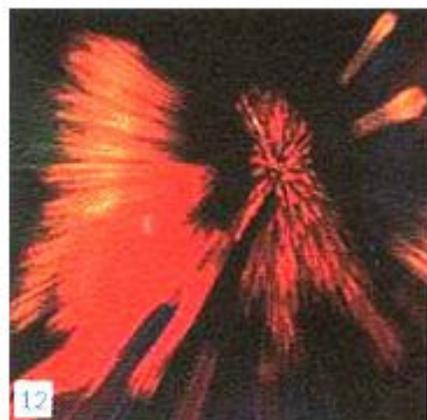


Os Pavilhões Nórdico e Dinamarquês expõem juntos a mostra "**The Collectors**", na qual os curadores exploram o hábito de colecionar, e a psicologia por trás da prática de expressar-se através dos objetos. Porque juntamos coisas e nos cercamos delas na vida diária? Que mecanismo de desejo está por trás da escolha? As peças de arte selecionadas e apresentadas junto aos objetos de design, eletrodomésticos, roupas e até uma coleção de moscas, compõem a narrativa desta dupla exposição. Através da decoração da casa e da coleção de obras de arte, das roupas nos armários, a porcelana na cozinha e os livros na biblioteca, as identidades dos habitantes fictícios, suas paixões e melancolia emergem em cada peça.

Os pavilhões Nórdico e Dinamarquês expõem juntos a instalação "The Collectors", uma crítica ao colecionismo de toda espécie. É uma das mostras que mais despertam a curiosidade do público, que circula nos dois pavilhões que representam residências e, ao final, deparam-se com uma piscina onde seu proprietário, um colecionador milionário teria se suicidado.

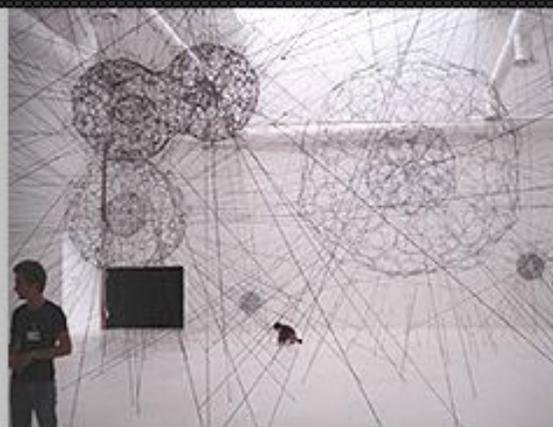
A representação oriental está cada vez maior, com grande qualidade e diversidade de expressões.

O novo **Pavilhão Itália** apresenta uma exposição maravilhosa de artistas com idades entre 30 e 50 anos em homenagem ao Futurismo, o único movimento avant-garde italiano do século XX. Aberto à coexistência de todas as linguagens, desde as clássicas como pintura e escultura até experimentos com cinema, fotografia, performance, inclusão de sons e materiais diversos, o futurismo está na origem de todo o experimentalismo que se seguiu e que nos surpreende a cada momento na Bienal. São experiências fortes, que nos envolvem e modificam.



▪ **Hangar / Balletto Plastico**, de **Marco Lodola**, é um tributo ao Futurismo, e ao mito da velocidade e tecnologia em particular; eletricidade, o automóvel e finalmente o avião foram símbolos de uma modernidade que a arte expressou através da pintura aérea. A obra de arte de Lodola é uma espécie de visão de uma performance dentro de um avião; é uma síntese do pensamento do século XX, que pode ser definida como dinamismo e plasticidade.

O pavilhão Itália, que presta uma homenagem ao Futurismo, baseia-se em conceito do principal teórico do movimento, Umberto Boccioni, que escreveu: "Um tempo virá em que a pintura não mais será suficiente (...) Outros valores surgirão, outras avaliações, outras sensibilidades cuja audácia nós não concebemos (...).



Flamboyant (1994-2000), obra de **Delson Uchoa**, um dos dois artistas presentes no Pavilhão do Brasil.



O **Pavilhão do Brasil**, sob curadoria de Ivo Mesquita, apresenta dois artistas: Luiz Braga, do Pará, com fotografias, e o alagoano **Delson Uchoa**, com pinturas. A representação brasileira tem também Cildo Meireles, Renata Lucas e Sara Ramo, no Arsenale. Ali está também a obra "Ttéia I", de Lygia Pape, premiada com Menção Honrosa. A obra, de 2004, composta por fios dourados formando

pilares quadrados que têm iluminação dirigida, dentro de uma enorme sala escura, abre a mostra "Fazendo Mundos".

Vik Muniz tem uma obra na mostra paralela "In-finitum", instalada no museu Fortuny, que reúne grandes nomes da história da arte moderna e contemporânea, como Cézanne, Picasso, Calder, Ad Reinhardt, Rothko...

Entre as mostras paralelas que vi, destaco **"Glasstress"**, que acontece no "Instituto Veneto di Science Lettere Ed Arti". O curador Adriano Berengo propõe uma seleção na qual o vidro exprime plenamente seu potencial, saindo dos clichês, e obtendo resultados de grande originalidade e inovação. A referência a Murano é evidente. Artistas de grande importância internacional estão representados: Louise Bourgeois, Richard Hamilton, Robert Rauschenberg, Mona Hatoum, Man Ray, só para citar alguns. Surpreendi-me com a presença de Silvano Rubino, artista veneziano que morou em Curitiba nos anos 90 e fez parte do acervo de minha galeria.

Mesa de vidro com recortes - obra de **Silvano Rubino**



Na mesma exposição, uma das pombas da obra "Colombes qui chient et rats qui vollent", de **Jan Fabre**



'Crystal Landscape of Inner Body', do artista chinês **Chen Zhen**



O artista **Pak Sheung Chuen**, que representa Hong Kong, alugou um apartamento de 6.7mt X 2.7 mt. X 2.2 mt. e coletou toda a sua respiração em sacos plásticos transparentes, até que eles enchessem todo o espaço. O processo levou 10 dias e ele sentiu como se parte de sua vida tivesse sido absorvida por este apartamento. Na bienal ele montou uma instalação semelhante ao resultado da experiência.

Além de todas estas opções, foi inaugurado dia 6 de junho o mais novo museu da cidade, o Punta della Dogana, que reúne obras da coleção do bilionário francês François Pinault. O antigo prédio foi totalmente restaurado pelo arquiteto japonês Tadao Ando e é uma referência arquitetônica como espaço expositivo contemporâneo.

Marcel Duchamp, que refutava a ideia de trabalho artístico que visasse meramente o prazer estético e o deleite visual, buscou através de sua obra uma resposta à sua pergunta: **"Pode alguém fazer uma obra que não seja uma obra 'de arte' ?"**. A variedade de expressões artísticas com que se depara em

Veneza torna sua questão bastante atual. Nesta Bienal fica claro que não se pode limitar a visão de arte em um mundo cada vez mais globalizado, em que os povos se aproximam e se digladiam com igual força. Em um tempo no qual as técnicas disponíveis são infinitas, mas a pasteurização se impõe, precisamos que a arte proponha caminhos mais ricos e humanizantes. Como diz o curador a respeito do título escolhido, **"Fazer Mundos"**: **"talvez novos mundos surjam onde mundos se encontram"**.

Yoko Ono participa de uma mostra paralela que reúne trabalhos antigos e recebeu prêmio especial da Bienal. ▲